

Os estudos feministas da deficiência e suas aproximações com a cobertura midiática do esporte paralímpico¹

Tatiane HILGEMBERG²
Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

RESUMO

Os estudos feministas da deficiência a partir dessa perspectiva interseccional unem feminismo e deficiência a fim de demonstrar que as instituições, práticas, construções e discursos sociais fazem com que corpos categorizados como femininos e com deficiência sejam alvo de, no mínimo, uma dupla desvantagem. Este estudo usa essa perspectiva com o objetivo de analisar a *home page* do site Metrópolis durante a cobertura dos Jogos Paralímpicos Tóquio 2020. Seguindo os preceitos da análise do conteúdo e da Grounded Theory, concluímos que as atletas com deficiência estão mais inseridas no ambiente competitivo, no que diz respeito a sua representação, mas ocupam um lugar diferente das atletas sem deficiência e dos homens.

PALAVRAS-CHAVE

Feminismo; Deficiência; Jogos Paralímpicos; Jornalismo.

CORPO DO TEXTO

As mulheres atletas subvertem as ordens sociais ligadas ao gênero, uma vez que sua presença nessa arena foi historicamente negada, e à sexualidade porque as características femininas, presentes ou ausentes, desvirtuam a hegemonia masculina. As mulheres atletas com deficiência ferem ainda a ordem social capacitista, ao apresentarem um corpo funcional e apto para o esporte desafiando a ideia de que seus corpos são inferiores, incompletos e passivos. Este estudo tem como objetivo analisar a *home page* do site Metrópolis durante a cobertura dos Jogos Paralímpicos Tóquio 2020, focando na representação das mulheres através das lentes dos Estudos Feministas da Deficiência.

Recentemente os Estudos Críticos da Deficiência começaram a utilizar a perspectiva interseccional – que emergiu dos estudos de feministas negras nos Estados Unidos que pretendiam entender como as estruturas de raça e gênero se cruzam – que se tornou popular nos últimos anos, principalmente em pesquisas que abordam grupos marginalizados. Os estudos feministas da deficiência a partir dessa perspectiva

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do 20º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 14 a 16 de junho de 2023.

² Professora do Curso de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima. tatianehilgemberg@gmail.com

interseccional unem feminismo e deficiência a fim de demonstrar que as instituições, práticas, construções e discursos sociais fazem com que corpos categorizados como femininos e com deficiência sejam alvo de, no mínimo, uma dupla desvantagem, por um lado pela sociedade patriarcal e por outro pela corponormatividade, um conjunto de normas e regras construídas socialmente que definem quais são os corpos adequados.

Nas palavras de uma das precursoras dessa teoria, Rosemarie Garland-Thomson (2005, p. 1557, tradução nossa) “Os estudos feministas da deficiência mostram como deficiência – da mesma forma que raça e gênero – é um sistema de representação que marca os corpos como subordinados, em vez de uma propriedade essencial dos corpos”. A teoria foca nos padrões de significado atribuídos ao corpo com deficiência. A autora (2001) estabelece paralelos comuns entre os significados sociais atribuídos aos corpos femininos e aos com deficiência, como o fato de serem representados como inferiores e desviantes, Aristóteles, por exemplo, considerava a mulher um “homem mutilado”, ou seja, um homem com deficiência; ambos têm acesso restrito à participação na vida pública e econômica, ou seja, ficam circunscritos ao âmbito doméstico; e são definidos a partir de oposições estabelecidas com a norma (homens e pessoas sem deficiência). Segundo Garland-Thomson (2005) a deficiência é uma importante categoria para a teoria feminista porque questiona identidade, teoriza a interseccionalidade e investiga a corporalidade.

O corpo é, indubitavelmente, espaço de hierarquia e poder. Sua docilidade e disciplinarização foram necessárias para que a produção capitalista alcançasse êxito. O corpo, de acordo com Foucault é construído, moldado e remoldado pela intersecção de uma variedade de práticas discursivas disciplinares. A materialidade do corpo é indeterminada, seus limites negociáveis, ou seja, mais do que limites ele incorpora um conjunto de possibilidades. Assim, compõem a deficiência aqueles que fogem dos padrões socialmente estabelecidos, ou seja, há um sistema de opressão circulando também no âmbito da deficiência, por isso é importante discutir relações de poder. E os meios de comunicação são locais onde esses corpos são representados, muitas vezes, através do tensionamento dessas relações de poder. No esporte, por exemplo, as relações de poder sempre estiveram presentes, o que ocasionou uma estrutura de desigualdade. Mesmo em meio a uma sociedade patriarcal a mulher conseguiu no decorrer dos anos construir seus espaços.

Para este estudo analisamos as manchetes publicadas na *home page* do site Metrópolis, de 24 de Agosto a 05 de Setembro de 2021, período em que ocorreu os Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020. A coleta de dados foi realizada durante os dias do evento em dois momentos, às 8h da manhã e novamente às 13h, uma vez que, por conta do fuso horário, as competições aconteciam principalmente de madrugada e pela manhã. Encontramos 59 manchetes que tratavam dos Jogos Paralímpicos, 11 foram excluídas por se tratar de repetições ou por não ter ligação direta com a representação de atletas. Nosso corpus se restringiu a 11 manchetes que tratavam exclusivamente de atletas do sexo feminino.

Seguindo os preceitos da análise do conteúdo investigamos as seguintes categorias: tema da manchete; terminologia (utilizada para se referir a atleta); caracterizadores (usados para qualificar a atleta); presença ou não de fotografia. Para a análise das fotografias estabelecemos as seguintes categorias: tamanho da foto; vestimenta usada pela atleta; plano da fotografia; tipo de deficiência da atleta; tipo de fotografia. Para além da análise de conteúdo usamos a Grounded Theory e deixamos emergir dos textos e fotografias algumas impressões. Os resultados preliminares mostram que as manchetes focam nos resultados das atletas que em geral são identificadas por seus nomes e que foram poucas vezes caracterizadas, quando o foram as expressões estavam ligadas ao esporte, como “favorita ao pódio” ou “maior medalhista do Brasil nos Jogos Paralímpicos”. Nas fotografias, em geral, a atleta foi retratada vestindo o uniforme e na maior parte das vezes está no pódio ou em momento de comemoração, seu corpo foi apresentado da cintura para cima e em um número expressivo das fotos a deficiência não é identificável. Também notamos, a partir de uma observação qualitativa, que em várias fotografias a atleta foco da manchete não está sozinha, sendo acompanhada por outras atletas ou pelos guias, o que faz com que em diversos momentos uma ou mais atletas não sejam identificadas pelo texto.

O esporte foi criado por e para pessoas sem deficiência, como prática masculina, dando prioridade para alguns tipos de movimentos humanos, e com um certo número de padrões através dos quais os atletas são avaliados. Esses padrões, segundo Brittain (2004), visam destacar e reverenciar a perfeição corporal através de designações que aparecem em contraste com a imagem do esporte para pessoas com deficiência, vistas com “doentes”, “aleijados”, “deficientes”, “mutilados” (Schantz & Gilbert, 2001). Além disso

o esporte é também é generificador, espelhando concepções dominantes de masculinidade e feminilidade (Knijnik, 2018). Nossas conclusões preliminares mostram que as atletas com deficiência estão mais inseridas no ambiente competitivo, no que diz respeito a sua representação, mas ocupam um lugar diferente das atletas sem deficiência e dos homens.

REFERÊNCIAS

- Brittain, I. (2004). Perceptions of Disability and their Impact upon Involvement in Sport for People with Disabilities at all Levels. *Journal of Sports & Social Issues*, 28(4), 429-452.
- Garland-Thomson, R. (2005). Feminist Disability Studies. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 30(2), 1557-1587.
- Garland-Thomson, R. (2001). Re-shaping, re-thinking, re-defining: Feminist Disability Studies. Barbara Waxman Fiduccia Papers on Women and Girls with Disabilities. *Center for Women Policy Studies*. Retrieved from www.centerwomenpolicy.org.
- Knijnik, J. D. (2018). Rosa versus azul: estigmas de gênero no mundo esportivo. *Remecs Magazine: Multidisciplinary Journal of Scientific Studies in Health*, 27-30.
- Schantz, O., & Gilbert, K. (2001). An Ideal Misconstrued: Newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. *Sociology of Sport Journal*, 18, 69-94.